

## **C**ultura, mídias audiovisuais e educação: questões para reflexão<sup>1</sup>

*Culture, audiovisual medias and education: questions for consideration*

Adriana Hoffmann Fernandes<sup>2</sup>  
Thamyres Ribeiro Dalethese<sup>3</sup>

### **Resumo**

Neste artigo procuramos dialogar com autores dos Estudos Culturais e outros estudiosos da cultura, da mídia e da educação discutindo questões relativas à cultura, sua centralidade na atualidade e a presença da comunicação midiática como estruturante da sociedade. Emerge a discussão da diferença como parte da interculturalidade e as hibridações entre culturas vividas pelos sujeitos, nos permitindo refletir sobre os desafios e as relações da cultura com a educação.

**Palavras-chave:** cultura, mídia, educação

---

<sup>1</sup> Artigo trata de reflexões relativas aos teóricos que são referência no projeto de pesquisa desenvolvido no PPGEDU da Universidade com apoio da FAPERJ, 2013.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela PUC-RJ (1993), Mestrado em Educação pela PUC- Rio (2003) e Doutorado em Educação e Mídia pela UERJ (2009). Professora Adjunta da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO - atuando no Departamento de Didática e no Programa pós-graduação em Educação. Membro do comitê científico da ANPED. Sócia da ANPED, SBPC e membro da REDE KINO (Rede Latino-americana de Cinema e Audiovisual) Líder do grupo de pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação) certificado pelo Cnpq.. E-mail: hoffadri58@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2013). Mestranda em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro dentro da linha de pesquisas Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias. Membro do grupo de pesquisas Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação (CACE). Professora da rede municipal do Rio de Janeiro (2ª CRE/SME-RJ). E-mail: thamydalethese@yahoo.com.br

## Abstract

In this article we try to dialogue with Cultural Studies authors and others interested in culture, media, and education discussing topics regarding culture, its central role nowadays and the presence of media communications as a structuring factor of society through. What thus emerges is a discussion on difference as part of interculturality and hybridizations among cultures as experienced by subjects in this context, which permits us to reflect upon on the challenges and relationships between culture and education.

**Keywords:** culture, media, education

## Introdução

Neste artigo temos como objetivo discutir o conceito de cultura a partir do debate trazido por autores dos Estudos Culturais e outros que trazemos para o diálogo na contemporaneidade, pensando sua centralidade na relação com as mídias dentro da sociedade e as possíveis reflexões surgidas nesse contexto em articulação com a educação.

Como questiona Hall (1997) em seu texto “A centralidade da cultura” porque a cultura se encontra no centro de tantas discussões e debates na atualidade? O autor já nos idos dos anos 90 discutia a enorme expansão que o conceito de cultura passou a ter em vários estudos a partir da segunda metade do século XX. Vemos autores como Canclini, Martín-Barbero, Appadurai, Beatriz Sarlo, Guillermo Sunkel, Lucia Santaella entre outros discutindo as questões relativas à cultura e suas transformações.

Hall considera que assim como somos seres interpretativos, os sistemas ou códigos de significado que usamos para dar sentido às nossas ações constituem nossas “culturas”. Todas as nossas práticas sociais são práticas culturais, são práticas de significação, construídas e compartilhadas na dimensão coletiva. Dessa maneira, o autor discute o conceito de cultura em duas dimensões: substantiva e epistemológica. Entende que a dimensão substantiva desse conceito refere-se ao lugar da cultura na organização das atividades, instituições e relações culturais na sociedade de modo geral. Já por epistemológico entende a posição que esta ocupa em relação ao conhecimento

de modo a transformar nossa compreensão de mundo. Como aponta Barros (2012), a cultura hoje já adquire centralidade porque refere-se a um modo de pensar global que reúne saberes e práticas dos sujeitos.

Assim como comenta Hobsbawn (1995), o século XX passou por uma revolução cultural. Trata-se de uma revolução, pois parece que mudou o conceito de cultura nos dois sentidos de que fala Hall: substantivo e epistemológico. Ao mesmo tempo em que a cultura passa a ser central na realização de determinadas atividades e instituições ela passa também a – através dos meios de produção, circulação e troca cultural das mídias – expandir-se ampliando o modo como compreendemos o mundo em que vivemos.

A mistura entre local e global é algo que é também abordado por Hall. Beatriz Sarlo (2000) também discute essas “misturas”. Segundo ela, há uma espécie de mix cultural com a criação de modos culturais híbridos. Percebe-se a cultura como processo o que permite-nos entender que a cultura “está” e não “é”. As permanências passam a ser menos duradouras do que as mudanças. Por isso cultura é “processo”. Assim, pensar em cultura é também pensar em hibridação entendida como “processos socioculturais nos quais estruturas discretas que existiam de forma separada se combinam para formar novas estruturas, objetos ou práticas” (Canclini, 2001, p. 19). Nesse sentido Canclini e Appadurai (2004) dialogam entre si quando entendem a cultura na atualidade na lógica do cultural, do adjetivo e não mais do substantivo.

Em que mudaria falar de cultura ou de cultural? Se a cultura como “substantivo” parece, de acordo com o que discute Appadurai, assemelhar-se com um objeto, algo já delimitado, o “adjetivo” cultural, segundo o autor, nos remete para um reino de diferenças, contrastes e comparações que torna mais rica a discussão já que, segundo ele, a característica mais rica do conceito de cultura refere-se justamente ao conceito de diferença. Pensar a cultura como adjetivo permite-nos pensá-la como mobilização das identidades de grupo e não de propriedades de grupo. Nesse contexto é que o termo hibridação discutido por Canclini faz sentido. Entender a cultura como adjetivo supõe o entendimento de que ela é processo e por isso pode constituir-se pela recombinação das diferenças produzindo hibridações.

Mas, como a hibridação das práticas sociais de grupos diferentes fundem-se gerando novas práticas? Se pensarmos cultura nesse sentido de adjetivo perceberemos que a cultura é um conceito sempre “em deslocamento” como discute Santaella (2003) em seu texto. Nesse sentido, cultura não pode ser algo que se fixa. Cultura é algo sempre em mudança. Se a cultura não é vista como algo fixo, estático sobre o qual se constrói uma identidade esperada também não existem mais as identidades “puras” assim como não existem culturas em seu estado “puro”. Todas as culturas da atualidade existem e se constroem e reconstróem num processo contínuo de hibridação cultural.

De acordo com Canclini (2005), é a própria variação das culturas e suas narrativas que inviabiliza a homogeneidade e nivelamento de paradigmas capazes de abranger a gama de vertentes das ciências humanas. Como o próprio estudioso afirma, parte da dificuldade de se estabelecer uma definição para cultura está no próprio caráter cambiante e processual da cultura global em que vivemos. Dito de outra forma, não existe a cultura quando, na verdade, existem culturas que são decididamente marcadas por práticas e relações plurais e intercambiantes. A cultura já não se apresenta mais – como era pensada anteriormente - como sistema fechado e unívoco que satisfaça a descrição de determinado grupo social. Nesta lógica, Canclini prefere atribuir à cultura a noção do intercultural ao entendê-la como lugar de fronteiras instáveis. Dessa maneira, pensar o cultural reside na compreensão de que os sentidos emergem através de processos de interação e disputa entre sistemas socioculturais. Ao transitar de um sistema para outro, os significados mudam ou se subvertem e as redes culturais ganham novas formas.

Como nos diz Canclini (2003) o desafio é esse movimento de “entrar e sair da hibridez” procurando entender o ponto de vista de diferentes grupos culturais e suas construções identitárias. “Entrar e sair da hibridez” seria o que possibilitaria o diálogo entre as diferenças? Seria o que nos permitiria perceber as dimensões da interculturalidade nas hibridações realizadas?

O que se perdeu e o que se ganhou diante dessa realidade de mudança cultural? Para Sarlo (2000) perdemos os velhos preconceitos como condenação de atitudes de machismo, violência, a obediência cega a certos valores e formas de dominação que antes pareciam banais e agora começam a ser questionadas. Os letrados que antes detinham o monopólio de legitimidade

cultural hoje vivem desafios por novos mecanismos de produção de legitimidade. Em consequência já não se pode mais falar de hegemonia cultural das classes dominantes, pois “hoje, qualquer possibilidade de iniciativa cultural independente passa pelo modo como diferentes grupos sociais estão em condições de misturar seus próprios instrumentos culturais aos da cultura letrada e aos dos meios de comunicação” (Sarlo, p. 109).

Por outro lado, os que antes não eram reconhecidos passam a poder disputar certo espaço na cultura. Perceber como os diferentes grupos apropriam-se das formas culturais que circulam criando seus repertórios e novos processos socioculturais é um desafio para os que querem entender e perceber como as identidades estão sendo construídas nas diferentes comunidades e localidades.

Canclini (2003) questiona: é possível democratizar não só o acesso aos bens, mas também a capacidade de hibridá-los, de combinar os repertórios multiculturais que esta época global expande? Como continuar a construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meio a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridar-se?

## **1. Cultura e imagem: as mídias audiovisuais e os sujeitos na contemporaneidade**

O homem do século XX jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento [...] (ela) não apenas transformou a maneira como se dá a criação, mas, também, a maneira como os seres humanos percebem a realidade (DUARTE, 2002, p.17).

Sarlo salienta nos idos de 1990 como a presença das antenas de TV (e hoje poderíamos dizer as antenas de celular e os sinais de internet) constroem uma nova cartografia cultural. Assim onde quer que cheguem os meios de comunicação não passam incólumes as crenças, os saberes e as lealdades. Sarlo e Duarte destacam, cada uma ao seu modo, a reviravolta produzida pela transmissão eletrônica de imagens e sons. Uma reviravolta que transformou o homem do século XX como declarado na citação anterior.

Nesse contexto de discussão sobre as culturas híbridas, é impossível não trazermos a relação dos sujeitos com as imagens em movimento presentes nas mídias audiovisuais nos celulares, nos computadores, na TV numa convergência entre umas e outras. Como aponta a citação de Rosália Duarte, tais mídias já fazem parte de como construímos e percebemos a realidade. Nas mais variadas e corriqueiras situações do cotidiano a presença de imagens e mensagens midiáticas perpassam continuamente as práticas e relações sociais e culturais nas diferentes telas com as quais lidamos. Tais narrativas são características de nossa época, habitam nossas vidas e intervêm em modos de aprender e de existir (FISCHER, 2007), afetando processos de apropriação, usos e consumos de elementos culturais e simbólicos. A cultura hoje, torna-se central, porque passa por todos os meios de comunicação. Nossa cultura, como aponta Barros (2012), é uma cultura midiaticizada já que temos a comunicação como elemento estruturante da cultura.

Os processos culturais ocorrem nessas relações em que as pessoas ao assumirem lugares nos grupos e contextos em que vivem constroem as suas experiências e relações cotidianas que constituem a cultura ao mesmo tempo em que são atravessadas por ela. Nossas práticas são atravessadas por interações midiaticizadas. Analisando a obra de Jesus Martín-Barbero, Cruces (2008) reflete a posição que a cultura tomou ao ser deslocada dos meios para os sujeitos. Em outras palavras, as dimensões culturais não são algo subjetivo, mas irrompem do material e coletivo, devendo assim ser vistas e entendidas através dos atores sociais e dos sentidos que por eles são produzidos. A cultura em sua pluralidade está nos lugares mais concretos da vida e o sujeito a concebe nas suas relações familiares, afetivas, no consumo, na escola, nas celebrações, na religião, na literatura, na fantasia. Nos estudos posteriores conforme comenta Barros, Martín-Barbero já desloca seu debate dos sujeitos para a cultura. As mediações que participam desse processo cultural são as mediações comunicativas da cultura.

O conceito de midiaticização discutido por Barros (2012) refere-se justamente a presença da mídia como esse novo espaço de interpelação coletiva dos indivíduos dentro da estrutura social. Trata-se de uma nova ordem comunicacional na cultura que tem a comunicação como elemento estruturante

dessa construção. O autor analisa que o lugar da cultura muda quando a mediação tecnológica antes instrumental passa a ser estrutural. Trata-se da trama comunicativa da cultura. Mudaram os modos como a cultura se produz e o comunicativo por meio das mídias é hoje o protagonista.

Como Santaella (2003) salienta, uma pessoa “adquire potencialmente condições de trazer o planeta para dentro de seu espaço privado” (p. 8). Ao mesmo tempo que uma pessoa frequenta reuniões do bairro, atua em organizações comunitárias, ou participa sazonalmente de celebrações de tradição local, ela se articula com outras redes de conhecimento e informação em escala mundial através da comunicação pelas mídias.

Os elementos culturais, hábitos e comportamentos típicos de um grupo ou contexto social nunca são fechados em si, por mais radicais e fiéis que sejam aos códigos compartilhados entre seus membros. Existem sempre as mediações na relação dos sujeitos com a cultura como aponta Martín-Barbero ao falar em mediações comunicativas da cultura. Assim, podemos afirmar que as formações culturais mais tradicionais também se constituem de certo modo nas interações globais, e vice-versa quando as tendências globais também podem ser ressignificadas na interlocução com o local.

A vida em sociedades híbridas aponta que essa hibridez ocorre nesse processo de produção de sentidos realizado pelos sujeitos. O modo como os sujeitos apropriam-se, interpretando e produzindo sentidos a respeito do que vivem comunicando-se uns com os outros numa sociedade em que as várias culturas começam a ser visibilizadas pelas ações comunicativas é que permite uma hibridez em possíveis cruzamentos interculturais. Os sujeitos e os saberes não são consolidados em meio à instabilidade e mobilidade da dinâmica intercultural, de maneira que os conteúdos e sentidos globais, tradicionais, massivos, eruditos e populares não existem de maneiras isoladas, mas deslizam uns sob os outros. As mídias audiovisuais participam das criações de sentidos nessa multiplicidade. As diferenças se articulam nas mídias construindo as identidades com o que nos vemos e nos revemos continuamente.

É importante salientar que as formas de hibridação surgidas na articulação dos sentidos não resultam de mera combinação de objetos e práticas de áreas distintas na cultura, desencadeadora de novas estruturas e

sentidos culturais com os quais os grupos sociais simplesmente se adaptam. Infere-se nisto a análise de Canclini (2003) sobre as formações culturais na América Latina para assinalar o caráter contraditório da interculturalidade. Ele adverte que as identidades e práticas geradas por processos interculturais nem sempre resultam de migrações e reajustes harmoniosos entre diferentes matrizes culturais.

Assim, “a hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições” (idem, p. 18), já que a mistura entre diferentes também pode ativar divergências. Convém então pensar a hibridação como o lugar em que a interculturalidade produz tanto o diálogo como a crise. Do mesmo modo os sentidos produzidos com as mídias também não são uniformes, mas diversos e conflitantes, o encontro entre formas culturais que antes existiam separadamente pode trazer possibilidades de novas perspectivas e mecanismos de compreender e agir na realidade. Num mundo em que as manifestações culturais se consolidam por sentidos transversais, a fomentação dos processos de formação e significação é invariavelmente entremeada de momentos de incômodo e tensão que também são constituintes das identidades em que nos reconhecemos.

Dessa maneira, os autores nos apontam que as relações de estranhamento e disputas são constituintes das transformações culturais. Essa passagem de bens culturais entre diferentes contextos cria situações dialógicas impulsionando a ressignificação de valores, comportamentos, imaginários e práticas. Somos sujeitos inevitavelmente híbridos se admitirmos que nos formamos nesse contexto múltiplo.

## **2. Cultura, mídia e educação – a responsabilidade da escola**

“Velhos centros tradicionais de interação – a escola, as bibliotecas populares, os comitês políticos, as sociedades de fomento, os clubes de bairro – deixaram de ser os lugares onde no passado, definiam-se os perfis de identidade e sentido comunitário. Esses lugares, ainda dominados pela cultura da letra e pela relação individual – face a face – tem hoje uma presença muito menor” (Sarlo, 2000, p. 103)

Tais mudanças no modo de perceber e entender a cultura na perspectiva de processo, construção híbrida e intercultural, traz questões

amplas para a educação. Para a educação que sempre quer ter tudo muito delimitado, sob controle, essa perspectiva de mudança, instabilidade na forma da manifestação da cultura e dos sujeitos traz inúmeros desafios e questões. Assim como sabemos da importância de pensar a diferença na cultura dentro da educação todas as construções na cultura e suas hibridações se fazem a partir do que já constituiu-se tradicionalmente na educação.

Esse deslocamento, as transformações dos lugares da cultura abordados pelos autores trazem questões para as instituições que lidam com a educação e o saber. A escola é uma delas. Essas mudanças se manifestam nos modos como os saberes são produzidos e nos modos como circulam. O desaparecimento das fronteiras e delimitação dos saberes causa instabilidades na forma como a escola estava tradicionalmente constituída e organizada. Trata-se das “des-ordens” culturais.

Martín-Barbero (2008) comenta que essa nova configuração dos saberes traz uma nova configuração social devido aos novos modos de circulação do saber. Os saberes escapam dos lugares sagrados que antes os legitimavam como aparece na citação que trouxemos de Sarlo: as escolas, as bibliotecas, os clubes, etc. não são mais os únicos lugares de acesso ao saber. Vários saberes circulam fora da escola e das instituições oficiais. A isso Martín-Barbero chama de descentramento, os saberes saem do centro dos seus lugares de transmissão e passam a ser disseminados por outras vias. Esse descentramento implica uma deslocalização. Meios como a internet, as redes sociais e várias páginas criadas por usuários como *youtube*, *blogs* disseminam conhecimentos antes só acessíveis em livros por meio da cultura letrada.

Diante dessas discussões, percebe-se que entender o consumo cultural torna-se fundamental, de acordo com Sunkel (2002), para a compreensão das sociedades modernas. Entender o modo como se processam as mudanças no consumo cultural permite-nos pensar sobre os modos como se processam os modos de saber. E isso afeta a educação mesmo que nem saibamos exatamente como. Primeiramente é importante discutir o entendimento de que o consumo cultural parte da constituição da cultura popular. O consumo é parte da cultura de uma sociedade em que consome-se não somente produtos, mas ideias, informações, sentidos e pertencimentos.

São muitos os desafios e vários autores discutem o papel da escola frente a esse contexto. Uma autora que se preocupa com essa questão é Ines Dussel (2009) que procura pensar na escola como espaço de formação para a cultura da imagem. A autora entende que deve chamar esse contexto de “cultura de imagem” porque se acerca da questão das mídias como parte de um projeto de investigação que parte da análise pedagógica da linguagem audiovisual. O que se passa com a linguagem das imagens no contexto escolar? Que tipo de conhecimentos são produzidos com e a partir das imagens na escola?

Segundo Dussel, cabe interromper alguns lugares comuns e olhar antropologicamente para o que ocorre dentro da escola. Os modos como nos tornamos espectadores estão relacionados com as sociedades das quais participamos, dos modos como vemos e somos vistos. A cultura visual, segundo Dussel (*idem*), não é portanto somente um repertório de imagens, mas um conjunto de discursos visuais que constroem posições sociais. Com elas organizamos o campo do visível e do não visível. Assim, Dussel entende que a escola contribui para formação dos sujeitos visuais modernos. A pergunta é: como a escola interage com as novas visualidades e dialoga com essa cultura visual?

A autora comenta os estudos de Víctor Mercante, pedagogo de 1925, que sustentava na época que o cinema era uma escola de perversão criminal e que era necessário organizar comitês de censura para só serem exibidos filmes “moralmente edificantes”. Com a história e proposição do autor, Dussel comenta que sempre foi uma questão para a escola lidar com o ver dentro de uma organização de saberes solidamente assentados na cultura letrada. Assim como demonstra a atitude desse autor a escola na maioria das vezes assumiu frente à cultura visual essa atitude de suspeita e, por isso mesmo, muitas vezes a escola manteve-se a margem de certos debates relacionados a cultura visual eletrônica. No entanto, esta mesma escola cria sua própria cultura visual com dispositivos visuais de aprendizagem. Desse modo, Dussel comenta que a escola criou sua própria gramática.

Infelizmente sabemos como aponta Sarlo (2000) que a escola já não tem mais o prestígio que tinha – reconhecida pelas elites e setores populares – como anteriormente. A autora comenta algo que todos nós percebemos: a

escola não estava preparada para o advento da cultura audiovisual. Trata-se, segundo ela, não somente de uma questão de equipamento técnico, mas de mutação cultural.

“As culturas populares de países como o nosso (AL) tem a escola como referência há um século. Erra quem vê a escola apenas como um instrumento de dominação. O que a escola proporcionava passou a fazer parte ativa dos perfis culturais populares. A alfabetização permitiu a difusão ampliada do jornalismo moderno, desde o início do século XX, e a eclosão, nas quatro primeiras décadas do século, de uma poderosíssima indústria editorial de massa, que publicou centenas de milhares de volumes de literatura, divulgação científica de bom nível, história, teatro e poesia. As culturas populares urbanas não repudiaram essa contaminação pela cultura letrada. Pelo contrário adotaram dela elementos cruciais para um processo de modernização, formando uma base para dimensões culturais comuns. (...) A escola era um lugar simbolicamente rico e socialmente prestigioso. Sem dúvida, a dominação simbólica encontrava ali um de seus ambientes, mas a escola não era somente uma instituição de dominação: ela também distribuía saberes e habilidades que os pobres só podiam adquirir por meio dela.” (idem, p. 117)

Como Sarlo aponta, a escola permitia aos setores populares apropriarem-se de instrumentos culturais que proporcionavam ferramentas necessárias à afirmação da cultura popular sobre bases distintas. Perceber a cultura como lugar a que pertencemos e também atuamos infere na condição estrutural dos sujeitos. As culturas não são uma realidade externa a nós, mas o que é constituinte dos sujeitos e que é por eles constituída. Considerar a importância de colocar as imagens das mídias na problematização da cultura é reconhecer a potencialidade desses elementos como fomentadores de significação da vida em sociedade que é sempre coletiva e múltipla. O papel da escola nesse sentido de problematização da cultura e criação e recriação desta sempre foi fundamental.

A partir de discussões dos Estudos Culturais Latino-Americanos, coloca-se o consumo e a mediação como lócus na reflexão sobre os arranjos interculturais que dinamizam as sociedades. Segundo Canclini (2010), é necessário escapar à lógica recorrente que associa o consumo ao jogo mercantil. Na complexidade de ambientes protagonizados pelas mídias, os saberes construídos e compartilhados entre os grupos sociais vão sendo cada vez mais estruturados pelo consumo de objetos e informações que circulam pelas redes transnacionais. A escola é um dos espaços onde estes saberes

são repensados se a eles for reconhecido esse espaço. O autor afirma que as formas tradicionais de pertencimento como a nação ou etnia estão se diluindo frente às comunidades de consumidores. Se os sujeitos criam significados e regulam comportamentos e gostos através de práticas de consumo, eles assumem papéis de interação e autoria na formulação de sentidos entre si e entre os meios.

Nesse sentido a educação tem que pensar que quando trazemos o consumo como parte integrante desse contexto cultural permeado pelas mídias audiovisuais, é necessário problematizar os sujeitos que delas fazem uso. Para além do entrelaçamento entre meios/mídias e receptores, o que essa constatação nos sugere é a ampliação do olhar para o sujeito que de espectador/usuário passou a ator/autor *com, sobre e através* dos meios. Fazer uso, assistir, ver são também formas de apropriação, participação e reformulação de significados vindos de imagens e textos variados.

Tomando como reflexão o que escreve Orozco Gómez (2009), podemos dizer que na relação com as telas contemporâneas – entendidas como a TV, Internet, celular, *videogames* – os pertencimentos tornam-se plurais, simultâneos e interculturais pelos quais todos são *sujeitos interagentes*, uma vez que eles deixam de ser meras audiências e consumidores para assumirem o lugar de *usuários, produtores e emissores* concomitantemente. Nesta perspectiva, rejeita-se a posição neutra e meramente contemplativa do indivíduo diante de ferramentas digitais, quando a relação com esta é sempre atravessada por telas e sujeitos que interagem por meio delas.

Nessa lógica, entende-se que o consumo envolve atos racionais que são pensados e construídos coletivamente. As relações com o consumo também são mediadas pelos contextos e fenômenos de socialização, assim como as comunidades de consumidores têm papel de mediação na forma de estar e ser no mundo. Esta reflexão afasta a condição dócil do sujeito na sua relação com os meios. E a escola tem um papel nesse sentido. Para Canclini (2010), o consumo deve ser pensado ao lado da cidadania, uma vez que nas suas práticas de consumo os sujeitos assumem papéis ativos e críticos, capazes de intervir na produção de objetos e bens, além de reapropriar seus usos e significados conforme suas necessidades, desejos e gostos.

Em meio a essa dinâmica permeada por processos de hibridação, os seres humanos consolidam suas identidades, estabelecem relações sociais e constituem significados em suas culturas. Vivemos em um tempo em que os saberes e fazeres são caracterizados pela dispersão e fragmentação (Martín-Barbero, 2014, p. 80), na medida em que as formas de conhecimento e informação não se produzem mais por caminhos lineares e mensuráveis. Onde a educação escolar se coloca nesse contexto de hibridação?

### **Considerações finais**

Se situarmos a escola vigente fundamentada na aprendizagem pela dicotomização entre corpo e mente, afeto e razão, prazer e conhecimento, o caráter híbrido da cultura torna-se incompatível. Embora haja resistências em práticas escolares mais tradicionais, os *saberes-sem-lugar-próprio* (idem, p. 83) circulam inevitavelmente pelos seus espaços-tempos, afetando ritmos e conteúdos curriculares. Este modelo de escola se confronta com a cultura midiática na qual os indivíduos estão cada vez mais habituados a interagir e atuar em redes de conhecimento e informações estruturalmente plurais, polissêmicas e cambiantes.

A escola que ainda exerce significativo papel de mediação na construção de saberes e, portanto, nas relações que os sujeitos estabelecem com a cultura, deve estar atenta a essas interações híbridas com as imagens. É recorrente na área educacional a instrumentalização de meios e elementos midiáticos muito presente no cotidiano dos discentes. Estudiosos da área da educação tais como Duarte (2009), Fantin (2006) e Fresquet (2007) compreendem a relação entre mídia e educação num sentido mais abrangente de criação, consumo e prática social nos processos de formação dos sujeitos.

No entanto, estaria a escola interessada em experimentações e inovações pedagógicas na interação com as mídias, ou apenas instrumentalizando-as na repetição de velhas práticas educativas? Considerar os meios digitais e suas imagens em movimento como parte constitutiva das ações pedagógicas é reconhecê-los como elementos fomentadores das relações interculturais e sociais na atualidade, que representam mais do que um suporte tecnológico em si, mas uma mudança de concepção e atitude que afeta indiscriminadamente as práticas educacionais.

Quando pensamos na noção de formar sujeitos imersos em sociedades altamente midiáticas, entendemos a formação que se dá *com*, *sobre* e *através* das mídias, de acordo com o que sugere Fantin (2006) a partir da concepção de mídia-educação. São várias as possibilidades educativas que propõem diferentes modos de lidar e trabalhar com imagens audiovisuais no âmbito da educação como meio de comunicação, objeto de estudo ou instrumento pedagógico. Nesta perspectiva entende-se a inter-relação dessas três possibilidades numa proposta de educar *com* as mídias enquanto as utilizamos em suas linguagens de modo que implique também no trabalho de educar *através* das mídias pelas quais os sujeitos criam com as mídias, permitindo assim que os sujeitos desenvolvam posturas participativas de criação e intervenção assim como possibilitando a análise reflexiva *sobre* as múltiplas facetas e percepções presentes nessas mídias.

Os momentos de hibridização entre culturas populares e cultura da mídia realizadas pelos setores populares aconteceram, segundo Sarlo, de modo relevante no ambiente escolar. Com o acesso a novos saberes na escola os setores populares recortavam, colavam, costuravam e fragmentavam os saberes misturando-os. Sendo assim, Sarlo comenta que, se queremos criar condições para livre manifestação das diferentes culturas da sociedade, a primeira forma deve ser o acesso democrático ao que ela considera serem as ferramentas para tal: forte escolaridade e amplas possibilidades de ofertas audiovisuais. Educar *com*, *sobre* e *através* das mídias nos leva a considerar a presença da mídia e do debate do papel da escola e dos sujeitos na relação com ela numa dimensão ética e de formação da autoria responsável por meio delas tendo esse entendimento de que elas participam de modo significativo na constituição de formas de ver e se relacionar com o mundo, e que ao tecer fios nessas tramas culturais, todos nós nos formamos. Deixamos um desafio nessa relação entre os sujeitos, as linguagens e as culturas na escola:

“A escola, tal como foi sempre, deveria ser o lugar que nos põe em contato com um mundo-outro, mas este mundo-outro não é, necessariamente, o mundo das humanidades do século (...), nem é necessariamente o mundo da imagem que o permeia senão o mundo-outro que nos confronta com o desconhecido, com o que nos permite entender e também desafiar nossos limites, com o que nos faz mais abertos aos outros e a nós mesmos. A escola, seja ensinando a linguagem, a pintura, o cinema, a televisão ou os novos

meios deveria poder ajudar-nos a por em jogo outras formas de relacionar-nos com o mundo. ” (Dussel, p. 192, 2009)

## Referências Bibliográficas

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.

BARROS, Laan Mendes. **Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas**. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs). **Mediação e Midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO\\_repositorio.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf)>. Acesso em 2013.

CANCLINI, Nestor García. **A cultura extraviada nas suas definições**. In: **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005, p. 35-53.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Consumo Serve Para Pensar**. In: **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010, p. 61-73.

CRUCES, Francisco. **Matrices culturales: pluralidad, emoción y reconocimiento**. En: **Revista Anthropos**, No. 219, dedicado a Jesús Martín-Barbero: Comunicación y culturas en América Latina, Barcelona, 2008. Disponível em:

<<http://www.mediaciones.net/2008/01/matrices-culturales-pluralidad-emocion-y-reconocimiento/>>. Acesso em 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DUSSEL, Inés. **Escuela y cultura de la imagen: los nuevos desafios**. *Revista Nomadas*, no. 30. Abril, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1051/105112060014.pdf>>. Acesso em 2010.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0652-1.pdf>>. Acesso em 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas.** *Revista Brasileira de Educação*. v. 12 n. 35 maio/ago. 2007.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf>> Acesso em 2010.

FRESQUET, Adriana Mabel. **Cinema para aprender e desaprender.** In: Adriana Fresquet. (Org.). **Imagens do desaprender: uma experiência de aprender com cinema.** 1ed. Rio de Janeiro: Booklink/ UFRJ-LISE-CINEAD, 2007, v. 1, p. 21-70.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

Disponível em: <[http://www.gpof.fe.usp.br/teses/agenda\\_2011\\_02.pdf](http://www.gpof.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf)> Acesso em 2000.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: breve século XX - 1914**, 1991. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades.** In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (orgs.). **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens.** Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Entre Telas: **Novos Papéis Comunicativos das Audiências.** In: BARBOSA, Marialva, FERNANDES, Márcio & MORAIS, Osvaldo José (orgs.). **Comunicação, educação e cultura na era digital.** São Paulo: INTERCOM, 2009. p.167-181. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/4112bf03387cdc4babdbe43f801a6e0c.pdf>> Acesso em 2012.

SANTAELLA, Maria Lúcia. **Cultura em deslocamento.** 2003. Disponível em: <<http://www.videobrasil.org.br/14/news/port-opiniao/4Cultura.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

SARLO, Beatriz. **Culturas populares, velhas e novas.** In: \_\_\_\_\_. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

SUNKEL, Guillermo. **Una mirada otra. La cultura desde el consumo.** En: Daniel Mato (coord.): **Estudios y Otras Prácticas Intelectuales Latinoamericanas em Cultura y Poder.** Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela. 2002. P. 287-294.

